



AO REDOR DO FUTEBOL ENTREVISTA COM NUNO RAMOS

Victor da Rosa*
Gustavo Cerqueira
Guimarães**

* victordarosa@gmail.com
Doutorando e mestre em Teoria Literária pela UFSC.
** gustavocguimaraes@hotmail.com
Pós-doutorando (Pós-Lit/PNPD/CAPES) em Teoria da
Literatura e Literatura Comparada e mestre em Teoria
da Literatura pela UFMG.

Nuno Ramos (1960), além de artista plástico e ficcionista, é também um ensaísta que vem despertando grande interesse no Brasil. Em *Ensaio geral* (Ed. Globo, 2007), livro que reúne seus ensaios e “um pouco mais”, conforme o próprio autor escreve na apresentação, temos uma prova contundente disso. Sua gama de assuntos, além de arte, literatura e canção, campos em que Nuno atua também como criador, inclui ainda o futebol. No livro, há uma série especialmente dedicada ao assunto, intitulada “Os suplicantes”, com reflexões sobre “aspectos trágicos do futebol”, o esporte amador no Brasil, belos textos sobre Reinaldo, Tostão, Ademir da Guia, entre outros jogadores, além de uma série fotográfica republicada também nesta revista, por ocasião da Copa do Mundo 2014.

Quando sugeri ao Nuno uma entrevista sobre futebol, ele aceitou de pronto. Recebeu-me em seu ateliê em São Paulo, um galpão cheio de pinturas de grandes dimensões e até pedaços de um avião embalados em plástico, de sua instalação *Fruto estranho*, para um papo sobre o assunto que devia durar “quarenta e cinco minutos e mais uns acréscimos”, mas acabou chegando a mais de uma hora. A ideia era começar a conversa falando sobre o que considero ser a teoria de Nuno sobre futebol, que inspirou inclusive José Miguel Wisnik em outro livro relativamente recente e fundamental sobre o assunto, *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008), e foi assim que começamos a conversa.

Depois, Nuno falou sobre questões que todo mundo que acompanha futebol acaba pensando: o futebol brasileiro, a Copa, a sua própria infância, o Barcelona de Guardiola, Neymar, a falta de imaginação dos comentaristas esportivos e finalmente seu time de coração, o Santos. No fim, acabamos falando também de arte, literatura e até de política.

Resolvemos publicar a entrevista praticamente na íntegra, por considerar um documento de interesse a todos aqueles que pensam o futebol hoje e, claro, também para quem acompanha a trajetória artística de Nuno. Por isso procuramos intervir o menos possível em suas falas e mesmo no tom coloquial que predomina na maneira como trata o assunto. De resto, agradecemos a disponibilidade e gentileza de Nuno, assim como a liberação dos direitos de sua série fotográfica, Placar final, que acompanha a entrevista, além de compor a capa da edição, mas continuamos duvidando, por outro lado, que o artista tenha feito mil embaixadinhas quando era garoto.

GOSTARIA DE PARTIR DO QUE EU VEJO COMO SENDO SUA TEORIA SOBRE FUTEBOL, DESENVOLVIDA NO SEU LIVRO ENSAIO GERAL, OU SEJA, A DISSOCIAÇÃO ENTRE O PLACAR E O QUE ACONTECE EFETIVAMENTE DURANTE UMA PARTIDA. GOSTARIA QUE VOCÊ EXPLICASSE ISSO E DISSESSE COMO A IDEIA SURTIU.

Talvez seja uma teoria mesmo. Como você disse, é a ideia de uma discrepância entre placar e o significado do jogo,

aquilo que ele desperta nas pessoas. Eu sei que há outros jogos com placar baixo, como o beisebol, mas são jogos pouco propensos a formas de acaso. O beisebol, por exemplo, é um jogo especialmente modorrento, diferente do futebol, que produz coisas inacreditáveis sem qualquer conexão com o ponto, o gol.

A FALTA DE GOL MUITAS VEZES É ASSUNTO MAIOR DO QUE O PRÓPRIO GOL...

Sim, às vezes um zero a zero é maravilhoso. Mas também não é legal diminuir o gol, pois o gol reordena tudo, e isso é algo que o meu texto não capta. A existência do gol propõe um novo jogo. Quem sofre gol, por exemplo, sofre contra-ataque o resto do tempo. Em geral, há uma espécie de knockdown quando um time leva gol. E tem coisas muito curiosas, como acontece quando um time sofre gol e empata na jogada seguinte, justamente porque o outro time relaxa, não concentra. É também muito comum na saída de bola haver já uma jogada de perigo, que é como se o princípio de prazer de fazer um gol desse uma baqueada no outro time. Então o gol tem uma potência de imantação do jogo.

Também acho que atacantes que tem pouca finalização são confusos, como o Robinho, que é um grande jogador, um cara que joga nas duas pontas, tem passe, sabe ver o jogo, diferente de um Denílson, que só olha pra baixo, quer

dizer, o Robinho não é só um virtuose do drible, embora tenha muito drible, só que ele tem uma finalização quase amadora.

Enfim, o gol é uma chave de leitura imprescindível, é até um pouco ridículo dizer que não. De todo modo, o futebol preserva uma diferença entre um grande jogo e um grande placar. Dizendo de outra forma, uma goleada na maioria das vezes é resultado de um jogo um pouco chato.

E COMO VOCÊ CHEGOU A ESSA IDEIA?

Bom, eu sempre tive uma profunda irritação com comentário de jogo, especialmente pela transformação do jogo em uma espécie de fatalidade, como se fosse óbvio que o time que ganhou de 2 a 1 só pudesse ganhar de 2 a 1, como se todo sentido do jogo estivesse exclusivamente no placar, quer dizer, como se o comentarista não estivesse perdendo todo o resto que aconteceu naquele jogo. Isso é uma coisa que sempre me irritou muito em programa esportivo. Então eu acho que eu escrevi um pouco em homenagem a essa raiva que eu tinha dessa espécie de história dos vitoriosos, que é a história do placar. Bom, ainda tenho. Mas eu também não quero ser ingênuo a ponto de não saber que o ponto é imprescindível. Claro que se você ganha o jogo muda. Mas acho que é preciso entender isso de um modo mais complexo, com mais mediação, ou melhor, mais meio tom.

EM UM TEXTO SOBRE O TOSTÃO, VOCÊ AFIRMA QUE ELE, DIFERENTE DE OUTROS COMENTARISTAS, ENXERGA O FUTEBOL COMO UM PROBLEMA. NESSE SENTIDO, ELE SERIA UMA EXCEÇÃO À REGRA?

Acho que sim. Ele consegue acessar este aspecto do jogo com naturalidade, nível de conhecimento e precisão muito maiores que o meu. A obra prima dele é recente. Ele vem falando que contra a Inglaterra, em 1970, ele olhou para o banco e viu o Roberto, um centroavante reserva dele, um jogador meio como o Casagrande, Roberto Dinamite, que fazia gol mas era pouco técnico, enfim, o Tostão viu o cara se aquecendo e isso causou um negócio nele. Depois ele fez aquela jogada extraordinária, que passou pra Pelé, depois pra Jairzinho e gol. Ele diz que se não tivesse visto aquilo, talvez ele não tivesse feito aquela jogada.

O Tostão é o cara que não vê o jogo dessa forma mecânica, a partir do resultado. O futebol para mim é um pouco o acesso ao que poderia ter sido diferente. Ele tem algo dessa riqueza. Apesar disso, eu também não me amarro muito na “viuvagem” de 1982. Eu acho que a Itália jogou melhor. O time brasileiro tinha deficiências óbvias também. Eu também acho que em 1994, que foi uma seleção mais careta, ensinou pra gente umas coisas, que não precisa arrebentar sempre, que tem jogos mais no mano a mano, e isto é bonito também.

Mas voltando à questão inicial, eu acho que essa disjunção entre placar e jogada, ela existe. Quem vê muitos jogos sabe

disso. É impossível você não perceber uma flutuação no jogo que o placar não dá conta, ou se empolgar com uma coisa do jogo quando o placar não vem. O torcedor fala muito isso, que o futebol é injusto, aquele clássico quem não faz toma, isso tudo são acessos a essa teoria que eu acho muito própria do futebol. Eu não saberia dizer outro jogo onde o efetivo e o possível se deixem ver com tanta facilidade.

O ZÉ MIGUEL WISNIK ASSOCIA ESTE CARÁTER CONTINGENCIAL DIGAMOS DO FUTEBOL COM A TEORIA DO PASOLINI SOBRE FUTEBOL DE POESIA. VOCÊ ACHA INTERESSANTE PENSAR ESTA DISSOCIAÇÃO COMO UMA ESPÉCIE DE POÉTICA DO FUTEBOL?

Por um lado, sim. Mas tenho a impressão também que isso incluiria uma seleção como a Alemanha, por exemplo. Eu acho que o Barcelona, aquele grande time que não existe mais, ao ficar com a bola o tempo todo, diminuiu muito a agressão sofrida. É uma tentativa de controlar mais o acaso. Eu acho muito difícil que um time tão superior quanto aquele, em qualquer outro esporte, tivesse perdido qualquer partida. Eles perderam para o Chelsea, para a Inter, então o futebol tem sempre essa possibilidade, mas acho que a ideia do Guardiola com a posse da bola não é vaidade, e sim uma espécie de pânico ao contra-ataque. Sobre sua pergunta, acho que isso é um princípio não sei se do futebol de poesia, mas um princípio poético eu acho que é. O ato de jogar futebol consegue acessar conteúdos que outros esportes teriam mais

dificuldade, especialmente conteúdos meio trágicos, injustos. Futebol é um esporte muito injusto. É um jogo onde o fato de haver injustiça está o tempo todo presente. Por isso o juiz tem um papel supervalorizado. Quando na verdade eu acho que os juízes erram pouquíssimo. A gente comenta erros de centímetros, mas os juízes acertam seis lances seguidos e todo mundo acha normal. A gente guarda o juiz para o escape desse sentimento de injustiça que o futebol causa a todo instante. Todo grande jogo de certo modo é um jogo que não foi totalmente justo.

RECENTEMENTE EU LI UMA CRÔNICA DO NELSON RODRIGUES EM QUE ELE RECLAMA DA FALTA DE DESONESTIDADE DOS JUÍZES. NA IDEIA DELE, OS JUÍZES ESTAVAM HONESTOS DEMAIS.

Eu sou um pouco simplório nisso, apesar de ter acontecido aquele caso famoso de roubo mesmo, que os juízes fabricavam resultado. Eu sempre tendo a achar o contrário. Naquele caso, não sei se você lembra, o que me chamou a atenção foi que o juiz tentou falsificar o jogo e não conseguiu. O Edmundo ganhou um jogo que era pra perder. Eu achei fascinante isso. Mostra que o poder do juiz realmente não é tão grande. Como o da presidência da República também não é. Tem algo aí que é da ordem da expiação. Quer dizer, o jogo é injusto, o juiz é injusto também. Juiz erra mesmo. Como não erraria?

NESSE SENTIDO, O QUE VOCÊ ACHA DO USO DE TECNOLOGIAS NO FUTEBOL?

Ah, eu sou a favor, por exemplo, quando a bola entra ou não. Talvez impedimento, que é uma coisa meio científica. Você congela a imagem, traça a linha e tira a prova. Quer dizer, eu não sou a favor de aumentar esse lado da injustiça no futebol, embora seja da natureza dele. Por outro lado, usar tecnologia pra tirar dúvida em falta, pênalti, lances de interpretação, chega a ser cômico. Você tem 12 câmeras e 12 opiniões diferentes. Você vê aqueles caras discutindo se foi pênalti, se não foi. Aí muda a câmera e muda a opinião, ou seja, não dá pra saber mesmo. O juiz tem um ponto de vista. Isso é próprio do futebol. Mas quando não é o juiz, vai ser um lance do jogo. Lembra daquele gol do Rivaldo contra a Bélgica? A gente estava jogando pior, os caras tinham feito um gol legítimo... aí o Ronaldinho passa uma bola pro Rivaldo, o Denílson quase consegue desviar a bola, que ia estragar o passe, o Rivaldo mata, vira, bate no gol, desvia no zagueiro e entra. É um gol de sorte total. É pouquíssima diferença pra tanto significado que um gol assim passa a ter. Isso é muito do futebol. Esse percurso do poderia ter sido e não foi. E esse é o lado que eu amo no futebol.

VOCÊ ASSOCIA ESSE ASPECTO DO FUTEBOL COM A ARTE?

Eu diria que a gente vive numa época que é o contrário disso. É uma época em que tudo é mensurado e discursivo.

Cada trabalho de arte tem um discurso atrás, um lugar, um ranking, começo, meio e fim. Embora o sentido em geral seja liberal, se diz o nome de tudo pra tudo e isso acaba em uma forma de controle muito grande.

NESSE CASO, TERIA MUITO JUIZ PRA POUCO FUTEBOL?

Eu acho que sim. O juiz está na arte-educação, no curador, editor, no galerista e na introdução que o artista faz dessas figuras todas. Aquilo que era mais entre ele e o meio dele acabou virando muito institucional. Tem muito juiz. Agora eu acho incrível como o futebol consegue manter a tragédia, a virada de jogo.

VOCÊ FALOU LÁ ATRÁS EM MAIOR COMPETITIVIDADE NO FUTEBOL MAS, AO MESMO TEMPO, VOCÊ ESCREVEU PUBLICOU UM TEXTO, IGUALMENTE EM ENSAIO GERAL, SOBRE AMADORISMO QUE PARECE VALORIZAR TAMBÉM ESSE SENTIDO NO ESPORTE. ENTÃO COMO VOCÊ, QUE CRESCEU VENDENDO FUTEBOL NA DÉCADA DE 1970, ANALISA A QUESTÃO DA COMPETITIVIDADE HOJE? POR EXEMPLO, VOCÊ ACHA QUE O FUTEBOL FICOU MELHOR JOGADO?

Claro que o nível de dificuldade técnica está cada vez maior. Sendo um pouco injusto talvez, acho que nenhum goleiro dos anos 1970 jogaria hoje. Eram quase todos tecnicamente inferiores. Claro que tem exceções, mas a base não entraria no time hoje. Zagueiro também é difícil. Laterais, talvez. Atacante, sim. Se você pegar um atacante como Vavá,

que não era um craque, jogaria hoje. Não seria um craque hoje também, mas jogaria. E o Pelé, claro. Acho que o futebol especializou lá na frente e foi voltando. Se você pega um volante de hoje, não tem comparação. Também não tem mais zona morta no campo. Talvez 1/5 do campo seja meio poupado, mas quase o campo inteiro tem marcação, e o tempo todo. No campeonato europeu, pra você fazer um gol, tem que acertar pelo menos uns seis, sete passes difíceis. No Brasil, acho que três, quatro.

O Ganso, por exemplo. Por que ele não joga nada? Ele acha que vai receber a bola e dar o passe final. Mas pra você chegar no passe final é uma coisa complicadíssima. Quer dizer, é muito antes, já no campo de defesa, que o jogo está acontecendo. O Ganso precisaria ser um jogador bem mais complexo, embora ele tenha o último passe em um nível incrível. Eu diria até que tem o último passe em nível Zidane. Mas isso acontece uma vez por jogo. E o resto? Então nesse sentido eu acho que a competitividade do futebol está muito alta, embora no Brasil tenha caído muito também.

VOCÊ NÃO SERIA ENTÃO UM SAUDOSISTA EM RELAÇÃO AO FUTEBOL QUE VOCÊ VIU NA DÉCADA DE 1970?

Zero saudosismo. E às vezes eu assisto a Copa de 1970 e acho também que tem espaço demais.

EM QUE MEDIDA VOCÊ CONTINUA ACOMPANHANDO FUTEBOL?

Totalmente. Meu problema é que eu não posso ver tanto quanto queria. O que eu acho é que a discursividade em torno do futebol ainda é muito coibidora, com muito mecanismo de transferência de culpa. Por exemplo, esse argumento do time ter raça. Você transfere a culpa porque o time não teria tido raça. Como avalia raça de alguém? Da cabine onde o Galvão Bueno vê o jogo? Eu acho que o time do Dunga perdeu por excesso de raça. Ficaram com a raça e mais nada. Aí faziam falta a cada 2 segundos. Eu tenho certeza que se o Brasil perder a Copa vai haver um mecanismo assim.

COMO SANTISTA, IMAGINO QUE VOCÊ ACOMPANHE TAMBÉM O CAMPEONATO BRASILEIRO. O QUE TEM ACHADO?

Eu sinto uma queda. Acho que porque os times não têm tempo de maturar uma equipe. Os técnicos rodam muito. Tirando uns cinco, seis times, que são times bons, os outros estão se formando ainda, e na hora de formar já muda tudo. O Alan Kardec sair do Palmeiras, por exemplo. É um jogador que estava dando certo. O Palmeiras não ganha nada há 20 anos. Aí ele chega no São Paulo. Será que vai jogar bem lá? Tem o Pato, o Ganso, Luís Fabiano. Ou seja, pra todo mundo é ruim. Tenho a impressão que tudo está muito destruído nesse sentido. Em outra época o Alan Kardec ficaria.

UMA COISA QUE CHAMA ATENÇÃO NOS SEUS TEXTOS É QUE VOCÊ PARECE TER UM INTERESSE ESPECIAL POR JOGADORES TRÁGICOS, LIGADOS A UM TIPO DE “FRACASSO”, COMO REINALDO, ADEMIR DA GUIA ETC.

Olha, em geral eu torço para o mais fraco em tudo, menos no futebol. Não tenho vergonha de dizer isso. E falando uma coisa íntima, eu torço em primeiro lugar pra algum jogador. Eu torci pro Pelé. Torci pro Reinaldo, Zico, mais Reinaldo. Depois eu torci pro Ronaldão. E agora eu torço pro Neymar. Foram jogadores para os quais eu torci loucamente. Às vezes eu fico pensando se eu prefiro que o time ganhe ou o Neymar faça dois gols. O meu prazer de ver o Neymar jogar bem é tão maior... Então nessa coisa infantil geralmente eu torço pro forte.

No caso do Reinaldo, eu acho que teve uma coisa trágica, de algo que não foi. Quando ele apareceu, o Brasil vinha de uma coisa muito técnica, a seleção de 1982 não tinha aparecido ainda, e era de uma chatice de Zagallo, Cláudio Coutinho, aquele negócio de superego, e o Reinaldo jogava uma bola incrivelmente livre, ele batia com as duas, era um puta jogador. Mas ele jogou dois anos de bola. Ele pegou o futebol antes da medicina chegar. O Ronaldão teria o mesmo destino que ele, se jogasse 20 anos antes.

O Ademir eu não colocaria nessa conta. Ele não deu certo na seleção, mas talvez seja o maior jogador da história do

Palmeiras. Quando eu era menino, ele era totalmente considerado. Dirceu Lopes, que não é tão grande quanto Ademir, mas é um exemplo meio assim, de um jogador que arrebatava no clube, mas na seleção não dava certo. Aí tem aquele poema do João Cabral que é um negócio de cortar os pulsos de tão bonito. Uma coisa do outro planeta, que explica tudo. Meu texto sobre Ademir é um adendo pequeno daquele poema. E eu cansei de ver jogo entre Palmeiras e Santos que era igual. E eu peguei também o Pelé um pouco na queda. O Pelé de 1969, que foi quando eu comecei a ver, já tinha 29 anos, não era aquele moleque de 1965 que levava o time nas costas. Ele era já um jogador mais parado, pesado etc., e o Ademir era um jogador que lembra o Zidane.

ACHO QUE LEMBRA O RIQUELME TAMBÉM, NÃO?

É, embora talvez o Riquelme seja mais um camisa 10, e o Ademir era um 8, não era tanto o lançamento, era o passe, parecia que estava pastando. E desarmava mais. Acho que seria inclusive um jogador muito contemporâneo. Poderia ser um belo segundo volante, como um Xabi, algo assim. Mas eu não colocaria Ademir na conta do loser. E o futebol é feito de tanto jogador que não deu certo, né? É muito difícil dar certo. Jogadores aparecem e somem, jogam bem e dois anos depois desaparecem, mas eu não sei explicar isso bem.

QUANDO APARECEU, EU ACHAVA O GANSO UM GÊNIO, ATÉ QUE ELE COMEÇOU A SER MARCADO.

Sim, ele é um caso forte disso. O Ganso jogou muito em time que só faltava o goleiro fazer gol. O time ganhava de 7 a 3. O Dorival Júnior muitas vezes tirava zagueiro pra colocar atacante. Ou seja, era uma multidão passando pro Ganso jogar. É o time ideal pra um cara como ele: um time irresponsável, com um pequeno gênio na frente que era o Neymar, o Robinho ainda jogava muito, os laterais passando, enfim, era um poder ofensivo fora do comum. Aí nessa situação o Ganso realmente arrebenta. Esse passe ele tem até hoje. Só que em time mais composto, em que ele tem que fazer papéis mais complexos, abrir o lugar dele no campo, disso tudo ele não deu conta. Nesse sentido, o que ele faz bem é desempenhar uma função, mas isso não garante que seja um grande jogador. E eu acho que a gente está vivendo um momento no futebol de “des-especialização”. Os jogadores tendem a fazer mais de um papel em campo. Volante que faz gol, atacante que marca, ponta que joga de falso 9. Acho que está havendo uma tentativa das escolas de abrir essa especialização que foi muito de uma época.

EMBORA VOCÊ TENHA UM GRANDE INTERESSE PELO FUTEBOL, O TEMA NÃO SE IMPÕE EM SEU TRABALHO COMO ARTISTA E ESCRITOR. COM EXCEÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DA OBRA PLACAR FINAL, O FUTEBOL APARECE COMO TEMA APENAS EM SEUS ENSAIOS. AO

MESMO TEMPO, EU NOTO QUE O VOCABULÁRIO QUE VOCÊ USA PRA TRATAR O FUTEBOL É MUITAS VEZES SEMELHANTE A SUAS OPERAÇÕES COMO ARTISTA E ESCRITOR.

Por exemplo?

QUANDO VOCÊ FALA DO REINALDO, VOCÊ FALA DE MORTE. A RECORRÊNCIA AO SIGNIFICANTE “PROBLEMA”, QUANDO TRATA DO TOSTÃO, TAMBÉM ME PARECE SINTOMÁTICA, JÁ QUE MAIS DE UMA VEZ VOCÊ AFIRMOU QUE GOSTA QUANDO AS PESSOAS TÊM “PROBLEMA” COM O SEU TRABALHO. NO ADEMIR DA GUIA VOCÊ ENFATIZA A INÉRCIA E O NELSON RODRIGUES VOCÊ ANALISA A PARTIR DA HIPÉRBOLE.

Tem razão, mas eu não sei explicar isso. Mesmo a relação entre literatura e artes plásticas, que deveria ser mais aparente, eu não sei explicar bem. Eu acho que o que eu quis fazer com o futebol, meio inconscientemente talvez, foi liberar a questão hermenêutica, tornar o futebol mais aberto, pois acho que às vezes é visto de modo muito fechado. O futebol geralmente é fechado em uma leitura na chave da derrota ou da vitória quando aquele jogo produziu coisas incríveis.

Chamando a atenção para esta separação entre jogo e placar, eu quis de certo modo liberar o significado do futebol. Eu acho que o futebol é muito da gente porque o derrotado consegue significar. Em um país onde tanta gente é derrotada, não deixa de ser um instrumento interessante. Por outro lado, eu concordo com a coisa do Nelson Rodrigues que é

um pouco caricata, mas eu acho que é interesse, de ver no futebol a face nossa vitoriosa. É uma coisa que ele pegou daquele jeito meio hiperbólico, como você disse, meio cômico, café com leite, mas acho que é verdade. Não é que a gente procure derrota. Pra mim é muito difícil ver a seleção perder. A gente não ganha sempre? E é totalmente maluco, porque a gente já perdeu muito. Mas eu acho que o futebol está associado muito a algo que deu certo, o pobre que se virou, que passou por mecanismos de competição e conseguiu se dar bem, às vezes em outro país, com uma história de vida desabrigada etc.

Ainda assim, este comentário do jogo que as pessoas e comentaristas fazem, quer dizer, todo mundo tem desculpa pra perder, todo mundo acessa a derrota não como uma coisa final, mas algo em suspenso, e isso é maravilhoso no jogo. O Corinthians nesse sentido é uma coisa maravilhosa. Uma torcida que cresceu em um time que só perdia. Isso não deixa de ser um mecanismo discursivo que faz com que os caras vejam algum sentido em perder. E dói. Dói muito. Futebol é uma experiência que você assiste ao jogo puto, xinga o próprio time. Mas o fato é que há significados naquele jogo que não se resume ao perder e ganhar. É algo além disso. E isso é um pouco diminuído na nossa cultura. O futebol merece um sentido interpretativo diferente. Na arte é assim também. A melhor carreira não produz a melhor obra; o mais

educado espectador não necessariamente é aquele que percebe melhor a obra; o comprador não é quem leva. Enfim, é um signo aberto.

E VOCÊ ACHA QUE ISSO TEM A VER ESPECIFICAMENTE COM O TEU TRABALHO?

Acho.

POR QUÊ?

Acho que tem a ver com os trabalhos de arte em geral. No meu caso, até de um jeito mais literal, das coisas não se carem, não estarem prontas, do contorno geral da obra não fechar, não estar constituída, usar vários gêneros, enfim, de tudo estar meio que se espalhando. Acho que meu trabalho não é pronto. O resultado final seria a minha morte. Não é à toa que as fotografias chamam Placar final. É uma coisa meio de lápide, não? Placa final... Mas mesmo depois da morte de um artista aquela coisa continua se fazendo, uma parte nega a outra, e assim vai.

E COMO O FUTEBOL E O SANTOS ENTRAM NA SUA VIDA?

Olha, eu joguei muita bola. Quando era menino eu quase não fazia outra coisa. Ficava doente toda segunda-feira porque jogava futebol demais no domingo no clube. Aí parei

meio subitamente. Não sei se por vaidade, embora eu jogasse legal. Era sempre escolhido antes, tinha muito drible, jogava na frente. Era sempre da seleção dos colégios onde eu estive. A minha relação com o futebol era de total obsessão. Ainda é. Mas eu jogava o dia inteiro. Ganhei uma bicicleta do meu avô porque fiz mil embaixadas.

VOCÊ FEZ MIL EMBAIXADAS?

Ah, embaixada é fácil.

MAS MIL?

Ah, faz... Quem faz cem, faz mil. E tem um monte de grosso que faz embaixada. Isso é outra coisa interessante no futebol. Tem uma dinâmica entre bola e espaço que também é muito própria do jogo. O jogador pode ter uma grande habilidade com a bola e não saber jogar. E o outro que mata mal a bola pode ter uma dinâmica de campo muito superior. Claro que o controle da bola é sempre bom. O que eu digo é que dominar a bola não é dominar o jogo. Talvez porque o campo seja muito grande.

Também tem um instinto de movimentação no jogo, não conheço outro jogo que tenha isso de maneira tão determinante. Às vezes o cara tem um jeito de ocupar um lugar do campo e saber a hora de sair. Tem um aspecto de intuição

do espaço que não está na bola, mas no campo. O Chico Buarque fala algo assim, que é bonito: os alemães são os donos do campo, e nós os donos da bola. Claro que isso mudou muito, mas é um pouco verdade.

E O SANTOS, COMO APARECEU? FOI POR CONTA DO PELÉ?

É. Peguei só o fim desse grande time, e depois peguei a fase ruim. Eu sou a vítima perfeita. Pouco vi o grande time jogar, o Pelé parou em 1973, em 1978 o Santos ganhou o título paulista, aí depois veio o Diego e o Robinho, mas antes teve o Giovani, de quem eu gostava. E recentemente com o Neymar voltou essa coisa de ter um grande jogador. O Neymar é uma experiência limite. É uma experiência de renovação do imaginário do jogo. O que o Neymar faz é uma coisa meio única. Lembra aquele lance que ele bateu na bola e deu aquele chapéu? Nesse sentido ele tem algo de arcaico. O Messi parece o jogador do nosso tempo. É o cara que joga num grau de dificuldade máxima e com uma exatidão que nunca ninguém jogou. Não erra. Bom, agora que está começando a errar um pouco. Realmente é o maior jogador depois do Pelé. Duvido que o Neymar chegue aos números dele. Agora o caminho dele é da invenção, da loucura. Ele é mais Garrincha. Ele diz que sempre pensou no Garrincha, faz sentido. E é incrível que ainda caiba tanta coisa nova que ele está fazendo em um jogo que já foi tão esquadrihado.

VOCÊ FALA DE ALARGAMENTO DO REAL AO ESCREVER SOBRE AS PEDALADAS DO ROBINHO. NEYMAR SERIA O APERFEIÇOAMENTO DISSO?

O Neymar faz isso a cada minuto. Tem um passe que ele deu agora de calcanhar pro Messi. Tem uma espécie de puxada de esquerda que eu nunca tinha visto, se você olha em detalhe. É um caminho muito diferente do Messi, a quem ele é comparado. Primeiro, não é obrigação dele jogar o que o Messi joga. Messi é um disparate, uma coisa de outro mundo. Agora o Messi é aquele cara que vai fazer a jogada virar resultado. Ele é uma espécie de tubarão branco. Vai ganhar, entende? Nesse sentido, o Messi parece uma coisa de capitalismo tardio, de conseguir pegar conteúdos muito sofisticados e fazer virar mercadoria. O Neymar parece uma força mais arcaizante, apesar de todo lance de marketing que ele tem, que é uma coisa do capitalismo total, e o Messi não, nesse sentido ele é mais legal, de não servir muito pra marketing. Mas no jogo, eu vejo o Neymar com um imaginário mais louco.

E A COPA, DE QUE MODO VOCÊ ESTÁ ENCARANDO? VOCÊ NÃO GOSTA MUITO DE FALAR DE POLÍTICA, SIM?

Olha, eu não vou torcer contra o Brasil nem que eu queira. Eu não aguento 2 segundos. Eu cresci em família comunista nos anos 1970 e já tinha esse papo, de torcer contra o Brasil.

Se na época da ditadura eu já achava isso um saco, quanto mais hoje. Então eu não vejo como eu possa não ter esse lado de querer desesperadamente que o Brasil ganhe. E acho que isso vai mudar muito o resultado de qualquer coisa política. Agora, ninguém mais aguenta o Brasil, né? Estamos chegando a um ponto em que está se formando um certo consenso. Ninguém mais aguenta o país. Acho que deu uma espécie de anabolizada em tudo então as reivindicações também começaram a ser um pouco maiores. A gente tem um Estado caríssimo, que devolve pouquíssimo, e os processo de inclusão são muito lentos, não há projeto nenhum no ar, de nada, a não ser torcer pra economia ir bem. Não tem projeto em área nenhuma que esteja sendo definitivamente atacado. O urbanismo em geral está num momento trágico. As grandes cidades brasileiras, especialmente acima de São Paulo e Rio, no Nordeste às vezes eu vou e acho uma coisa inacreditável. O que está acontecendo em Salvador, em São Luís, em Manaus, são tragédias urbanas. Cidades que estão apodrecendo. O IPHAN defende pra deixar morrer. A especulação quando não é freada pelo IPHAN talvez seja pior ainda. São Paulo é assim também, mas com mais dinheiro. O Rio é assim também, mas isolando a zona sul. Então acho que a gente chegou num momento de horizonte político muito sem graça, sem respiro. Isso é próprio de democracias evoluídas. No fim, a diferença entre Obama e Bush era menor do que a gente imaginava. Por outro lado, eles têm

instituições, a gente não tem. Por isso acho que a figura política deveria ser mais marcada. Por isso eu acho que tem um arsenal acumulado que a Copa do Mundo como momento público pode trazer à tona, que eu acho profundamente interessante. Então tomara que haja uma produção de desejos, carências, da mais intensa possível.

O QUE ACHOU DAS MANIFESTAÇÕES CONTRA A COPA ETC.?

Acho que aí também a gente tem uma recepção muito marcada, entre a gatinha com a bandeira do Brasil pintada no rosto e o vândalo. São as duas figuras que ficaram organizando isso, e ambas são insuficientes, como se não houvesse comunicação entre elas. A própria recepção disso anda muito pobre. Eu acho que o tema que o Brasil não consegue acessar é o tema da violência. Tem pouca formatação cultural e teórica pra isso. Acho que somos um país cada vez mais violento, no sentido da vida valer pouco, ou seja, da polícia poder ser tão violenta quanto é, assim como os costumes. Então, por outro lado, nessa necessidade de conteúdos aparecerem, eu tenho um pouco de medo disso tudo incendiar em uma fogueira que não vai servir certamente a ninguém.

O que eu sinto do Brasil, e que de certa maneira é interessante pensar no futebol, é uma sensação de eterno presente. É um país muito desconectado com o passado, e mais desconectado ainda com o futuro. Não há muito vínculo entre um

querer-ser e um já-foi. O presente parece que vem do nada e vai pro lugar nenhum. É uma espécie de barca enlouquecida, que você tem que aproveitar geralmente de modo eufórico. Essa desconexão é interessante em momentos muito dramáticos, em momentos de revolução, por exemplo, de grandes mudanças, mas como norma da vida isso tende à violência. O instante, quando não tem espessura, ele tende a ser violento, já que não está conectado a nada, a nenhuma ideia institucional de duração. A gente tem uma facilidade muito grande de entrar nesse lugar, de esquecer do que a gente já fez, começar de novo.

* * *

SOBRE OUTROS ARTISTAS DA BOLA

O PELÉ é o cara do gol. Embora seja famoso por bolas que não entraram, ele faz uma espécie de junção da jogada e do gol. Quanto tinha 23 anos, ele tinha algo como 2 gols por jogo. Ele parece que espremeu o jogo como uma laranja e quis tudo. Ele queria tudo do jogo. Ele queria a falta, ser craque, a defesa, o ataque, o cabeceio, o centroavante etc. etc. É uma potência máxima. Eu acho que naquela época o ataque tinha mais precedência, então tinha que vir dessa forma, mas a verdade é que foi ele que fez isso, quer dizer, era uma força avassaladora. A bola caía pra ele sempre. Ele não era só um

jogador de grande técnica, ele era um grosso também. Jogava nas duas teclas. Nesse sentido ele é uma espécie de expressão total de uma linguagem, que pouca gente fez. É o nascimento do futebol. Antes dele era outro jogo.

*

Eu associo o GUARDIOLA com o Barcelona. Eu acho que ele é o cara que conseguiu fazer com que a agressão ao jogo dele fosse a menor possível. Engraçado, mas todo mundo acha ele um pouco chato. Por ser um time de pouco risco. Mas é uma compreensão interessante. Um pouco modorrenta, mas muito rica.

*

Eu nunca tive muita ligação com o EDMUNDO. Contra a França, quando entrou, ele pisou na bola. Pisou e caiu. Agora ele como comentarista me surpreende. Fala coisas muito decentes, legais.

*

Eu não tenho tanta simpatia pelo ROMÁRIO no sentido da figura dele, acho às vezes um pouco primário. Tenho um pouco de medo das pessoas que dizem toda a verdade, sabe? Esse tipo de poética assim, no fundo um pouco populista.

Talvez eu seja injusto, talvez precise mais disso do que eu aguento, mas tem um lado vaidoso... Agora no futebol eu acho que era o cara do pequeno espaço, do miúdo. No espaço pequeno, era um Deus.

*

O MARADONA é o rococó. Sei lá. Se o Pelé é a laranja inteira, ele é um doce sofisticado, que ele fez com aquele sumo. É um sujeito hiper cultural, não me parece uma força instintiva. Me parece mais um produto civilizatório, aristocrático, fino. Pessoalmente acho que é diferente disso, talvez seja um cafajeste completo, mas o jogo dele eu acho que era um jogo de erudito, um cara que leu Kant. Alta cultura. Ele pega aquele momento em que o futebol estava se compreendendo, se especializando, de um hiperdimensionamento técnico, aquela coisa pós-Holanda, e ele é o cara que olha pra um lado e bate pro outro. Sabe uma coisa que é muito dele? É o efeito. Ele põe muito efeito na bola. É uma bola meio possuída, como se injetasse um demônio da sofisticação, da consciência, da cultura, que em geral os jogadores lidavam com a força, chutava mais forte, mais fraco. Com o efeito, você consegue mudar um pouco isso.